

A DRAMATURGIA NO RÁDIO NO BRASIL

POLETTI, Thays Renata (Jornalismo/UNIBRASIL)
MACIOSEK, Gabriella Cândida (Jornalismo/UNIBRASIL)
TORTATO, Giovanna Carolina (Jornalismo/UNIBRASIL)
FARIA, Giovanna Menezes (Jornalismo/UNIBRASIL)
LIMA, Manoela Tkatch de (Jornalismo/UNIBRASIL)
PERES, Thayná Santos (Jornalismo/UNIBRASIL)
ROLDAN, Gianluca Rodrigues (Jornalismo/UNIBRASIL)

Resumo: Este trabalho preocupa-se com a evolução e origens do gênero dramático no rádio no Brasil. Para sua realização, foram realizadas pesquisas bibliográficas e audição de material sonoro produzido para a veiculação de radionovelas, o formato mais marcante do gênero, e outros formatos dramatúrgicos. Os scripts vinham, em sua maioria, de Cuba, sendo traduzidos e interpretados por brasileiros. Entre 1943 a 1945, a aceitação do público e o sucesso das radionovelas foram tão grandes que a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitiu 116 novelas. Entre os autores de radionovelas consagradas no Brasil estavam Dias Gomes e Janete Clair. Assim como eles, vários outros profissionais que se dedicavam ao gênero dramático no rádio no Brasil, passaram a atuar mais tarde em telenovelas ou outros programas na televisão. Atualmente, a veiculação desse formato é bastante restrito no rádio brasileiro, sendo veiculado em apenas algumas emissoras, mas há um uso frequente da dramaturgia em peças publicitárias para rádio.

Palavras-chave: Rádio; História do Rádio; Dramaturgia no Rádio; Novelas Radiofônicas; Drama.

Este trabalho aborda a evolução e origens do gênero dramático no rádio no Brasil e faz parte de uma série de estudos da disciplina de Laboratório de Radiojornalismo, do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário UniBrasil, que culminaram na produção de um radiodocumentário sobre o assunto. A dramaturgia no rádio ainda é tema pouco discutido no país e há necessidade de se conhecer os principais fatos e de se analisar a transmissão da dramaturgia na atualidade no veículo. Para sua realização, foram realizadas pesquisas bibliográficas e audição de material sonoro produzido para a veiculação de radionovelas, o formato mais marcante do gênero, e outros formatos dramatúrgicos no rádio.

Entende-se por dramaturgia no rádio a utilização de material de gênero ficcional com a intenção de contar uma história, verdadeira ou não, com a

narrativa sonora dramatizada e/ou com a interpretação de personagens, como ou sem o uso de efeitos sonoros ou elementos musicais, mas preferencialmente com a presença destes dois itens (que para a contextualização da história pelo rádio, que usa apenas a audição, são muito importantes). Entre os formatos mais conhecidos estão o radiodrama (com a leitura dramatizada), as peças radiofônicas e o radioteatro (com personagens em uma só emissão) e a radionovela (transmitida em capítulos). O uso da dramaturgia no rádio também ocorre com a interpretação em peças de publicidade e participação de personagens interpretados por radialistas ou outros profissionais em programas que não são exclusivamente do gênero dramático.

A primeira radionovela transmitida no país foi “Em busca da felicidade”, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1941, às 10h30. A obra era uma adaptação de Gilberto Martins a partir do original cubano de Leandro Blanco. A radionovela teve 284 capítulos e ficou no ar por cerca de três anos, até maio de 1943, sendo veiculada às segundas, quartas e sextas-feiras. O patrocínio da Colgate Palmolive tinha muita relação com a audiência buscada: as mulheres, que, além de consumirem os produtos da patrocinadora, também poderiam torna-se “consumidoras” das radionovelas.

Em São Paulo, também em 1941, iniciaram-se as transmissões da radionovela “A Predestinada”, do brasileiro Oduvaldo Vianna. A obra ia ao ar às terças-feiras, das 21h30 às 22h30, pela Rádio São Paulo.

Não há, no entanto, concordância sobre se o gênero dramático no rádio no Brasil iniciou-se realmente com a radionovela, pois alguns apostam que o começo se deu com a transmissão de peças teatrais nas rádios. O que se percebe é que produtores e empresários perceberam que os ouvintes gostavam de acompanhar programas de entretenimento que trouxessem elementos de seu cotidiano e optaram pela produção e transmissão de material do gênero dramático. Com a evolução e demanda por programas mais leves e divertidos nas rádios do Brasil, vieram as tão conhecidas radionovelas, formato que realmente foi importado de outros países latinos. Os scripts vinham, em sua maioria, de Cuba, sendo traduzidos e interpretados por brasileiros.

Tanto a Nacional como a Rádio São Paulo perceberam que o formato realmente agradava e que havia aumento da audiência. As radionovelas foram

conquistando espaço e em pouco tempo havia a transmissão do formato em muitas emissoras em todo o Brasil.

Entre os anos de 1943 a 1945, a aceitação do público e o sucesso das radionovelas foram tão grandes que a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitiu 116 novelas. A maioria das novelas tinha um ar mais dramático e quase todas abordavam o gênero romântico, já que tinham como público alvo as mulheres donas de casa.

Em 1956, as radionovelas tinham patrocinadores e comerciais especificamente direcionados ao público feminino e assim detinham cinquenta por cento da programação da Rádio Nacional. As radionovelas tinham grande influência no cotidiano nacional, principalmente por causa do seu conteúdo direcionado à vida dos brasileiros, com tramas envolventes e, conseqüentemente, ocupavam os horários nobres de transmissão, assim como uma considerável parte da programação das emissoras.

Além do trabalho dos autores, que criavam ou adaptavam as peças para o rádio brasileiro, e dos atores, que interpretavam os livretos, era muito importante o trabalho dos profissionais da sonoplastia. Eles “criavam” as cenas, produzindo e transmitindo sons que contextualizavam as falas e as tornavam mais próximas do cotidiano no ouvinte, com efeitos sonoros e músicas. Algumas emissões também tinham músicos presentes para que essa contextualização ocorresse.

A demanda de radionovelas foi crescendo e importar scripts de países latinos não era mais suficiente. Começou a crescer a procura e a oferta de radionovelas genuinamente brasileiras. Entre os autores destas estavam Mário Lago, Dias Gomes, Janete Clair, Mário Brazzini, Ivani Ribeiro, Alfredo Palacios e Amaral Gurgel, além dos já citados Gilberto Martins, e Oduvaldo Vianna.

Também com o início das obras originais brasileiras iniciou a regionalização das radionovelas. Por exemplo, em Pernambuco a radionovela poderia se passar no sertão e os atores podiam interpretar os roteiros utilizando o sotaque local.

As radionovelas não tinham uma duração fixa: algumas duravam dois meses e outras, dois anos. O grande sucesso da era do rádio no Brasil foi a adaptação “O Direito de Nascer”, que ficou no ar por três anos. Crianças eram

batizadas com nomes de personagens e o capítulo final bateu todos os recordes de audiência da década de 50.

Foi nessa época que se iniciou o processo de migração das radionovelas para a televisão. O que acontecia era a transmissão das gravações, como uma radionovela televisionada, pois a TV ainda não havia inventado sua própria linguagem. Tudo acontecia ao vivo, como um teatro levado ao ar diariamente, mas ainda de dentro do estúdio de rádio com os atores lendo suas falas.

Com o surgimento da televisão em 1950, houve uma migração de anunciantes, de público e de profissionais do rádio para o novo veículo, o que trouxe decadência para radionovelas e radiopeças, que eram muito caras para produzir e necessitavam de mão-de-obra especializada. A radionovela se adaptou à nova era das televisões. Todas as radionovelas mais famosas foram adaptadas e transformaram-se em telenovelas.

Isso explica, em grande parte, o abandono da radionovela pelo rádio. Ao longo da década de 1960, algumas emissoras ainda mantinham alguns horários de radionovelas ou de programas de radioteatro. Mas na década de 1970 o gênero dramático praticamente desapareceu no formato radionovela. No entanto, o gênero se manteve sempre presente na locução dramatizada de cartas, na interpretação de personagens em peças publicitárias, programas humorísticos e mesmo de outros gêneros, como alguns informativos de caráter esportivo. Verifica-se, atualmente, um uso frequente da dramaturgia em peças publicitárias para rádio.

Conclui-se que os formatos de gênero dramático se limitam a algumas emissoras hoje em dia. O formato de radionovela, que consagrou o gênero dramático no rádio, é o mais restrito, embora algumas emissoras ainda façam produções, como as pertencentes à Empresa Brasileira de Comunicação (EBCD). A Rádio Nacional da Amazônia, por exemplo, procura fazer dramatizações sobre temas atuais e importantes para a região, como a prevenção das queimadas e o combate ao trabalho escravo. Entre as produções recentes também está a obra sobre os “50 anos de Golpe de 1964”, produzida em 2014 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. No mesmo dia em que os militares tomaram o poder, 36 artistas dessa emissora foram demitidos. Ainda em relação ao gênero dramático, percebem-se outras produções como a

peça “Todo dia é dia de combate ao fumo”, da Rádio Nacional de Brasília AM e da Rádio Nacional da Amazônia, criada em 2014 para Dia Nacional de Combate ao Fumo.

Acredita-se que o gênero dramático no rádio ainda agradaria ao público ouvinte na atualidade e que poderia gerar receita e audiência para as emissoras. Os materiais poderiam ser empregados em programas específicos ou como trechos de outros gêneros – no caso de um programa de entrevistas, por exemplo, poderia contribuir para a discussão de temas relevantes para a sociedade, como a questão da poluição ambiental ou da violência. No entanto, as produções do gênero dramático precisam de pessoal especializado, de tempo e equipamento para a produção. Assim, muitas emissoras optam pela programação de entretenimento a partir da veiculação de músicas, que demandam um investimento muito menor e ainda contam com a vantagem da facilidade na disposição de grande quantidade de material para a veiculação.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. Do romance folhetinesco às telenovelas. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/viewFile/9407/6483>. Acesso em: 19 out. 2015.

CUNHA, Máгда Rodrigues da; HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio brasileiro: episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre, RS: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

TAVARES, Reinaldo C. *Histórias que o rádio não contou*. São Paulo: Negócio Editora, 1997.